

## UMA QUESTÃO DA LEITURA: a noção de sujeito e a identidade do leitor.

Francisca Nemézia de Miranda **CALDEIRA**<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo discorre Uma Questão de Leitura, com o objetivo de mostrar os desafios vivenciados pelo ato de ler e escrever no processo de formação de leitores, fundamentado nas propostas pedagógicas de: Emília Ferreiro (2001), Paulo Freire(1989), Magda Soares(1998) e Leda Tfouni (1995), buscando subsídios teóricos pedagógicos de leitura que venham emergir a noção de sujeito e identidade de leitor desencadeado pela necessidade e o desejo de ler. Será visto que a leitura enriquece o sistema cognitivo do leitor e instiga ao sujeito a pensar, contribuindo desse modo para a formação de seu senso crítico e o modo peculiar que cada escritor tem de escrever.

**Palavras- chave:** Leitura. Sujeito. Senso crítico. Escritor.

**Resumen:** Este artículo aborda de una pregunta de la lectura, con el fin de mostrar el resultado de los desafíos experimentados por el acto de la lectura y la escritura en la formación de lectores, sobre la base de los planes pedagógicos: Ferrreira Emilia (2001), Paulo Freire(1989), Magda Smith(1998) y Leda Tfouni (1995), buscando elementos teóricos de enseñanza de la lectura que surgirá de la noción de la identidad individual y el lector provocado por la necesidad y el deseo de ler. Será ya que la lectura enriquece el sistema cognitivo del lector y alienta al sujeto a pensar, lo que contribuye a la formación de su sentido crítico y la manera peculiar que cada escritor tiene que escribir.

**Palabras clave:** Leer. Pensar asunto, Crítico, Escritor.

## INTRODUÇÃO

<sup>1</sup> **GRADUADA** em Pedagogia, Especialista em metodologia do ensino e Ciências da Educação, Atualmente, Mestre em Ciência da Educação pela Universidade Tecnológica Intercontinental – UTIC-Paraguai, professora dos municípios de Monte Horebe e São José de Piranhas-PB, correio eletrônico:nemezia\_sjp@hotmail.com

No decorrer do processo da leitura e escrita mediante a psicogênese da linguagem escrita insere-se na aprendizagem significativa a oportunidade de oferecer ao indivíduo o entendimento de que a alfabetização é um complexo processo de letramento.

O ensino da leitura é fundamental para o desenvolvimento e aprendizagem dos educandos. Entendido, como, um processo de liberdade e prazer, que favoreça a superação do analfabetismo e as mais variadas práticas do uso da língua escrita.

Diante do pressuposto em estudo, apresentaremos um breve histórico da leitura e escrita o que relata de forma simplificada os estudos acerca da psicogênese da linguagem com as respectivas dimensões do aprender a ler e escrever mediante processo de alfabetização e sua importância para os dias atuais, bem como, redimensionamos a significação do aprender a ler e escrever diante do processo ensino/aprendizagem em sua consonância com a leitura numa perspectiva de tornar um ser pensante, além das inquietações de leitura como: De quem? E para quem? Caracterizada pelo sistema das revoluções burguesas. E por fim, abordaremos como tornar um ser leitor? Movido de motivações e ações pedagógicas que levam ao leitor a tornar ser agente de suas próprias histórias.

Portanto, é preciso colocar em prática, saberes que são indispensáveis ao desenvolvimento de uma práxis voltada para a construção do conhecimento, em que a leitura seja instrumento de transformações e prazer.

## **1. UM BREVE HISTÓRICO: UMA QUESTÃO DE LEITURA**

Se, no início da década de 80, os estudos acerca da psicogênese da língua escrita trouxeram aos educadores o entendimento de que a alfabetização, longe de ser a apropriação de um código, envolve um complexo processo de elaboração de hipóteses sobre a representação lingüística; os anos que se seguiram, com a emergência dos estudos sobre o letramento, foram igualmente férteis na compreensão da dimensão sócio-cultural da língua escrita e de seu aprendizado. Em estreita sintonia, ambos os movimentos, nas suas vertentes teórico-conceituais, romperam

definitivamente com a segregação dicotômica entre o sujeito que aprende e o professor que ensina. Transgrediram também com o reducionismo que delimitava a sala de aula como o único espaço de aprendizagem.

Reforçando os princípios da aprendizagem compreende-se que há uma relação interativa entre o sujeito e a cultura em que vive. Isso quer dizer que, ao lado dos processos cognitivos de elaboração absolutamente pessoal (ninguém aprende pelo outro), há um contexto que, não só fornece informações específicas ao aprendiz, como também motiva, dá sentido e “concretude” ao aprendido, e ainda condiciona suas possibilidades efetivas de aplicação e uso nas situações vividas. Entre o homem e o saberes próprios de sua cultura, há que se valorizar os inúmeros agentes mediadores da aprendizagem (não só o professor, nem só a escola, embora estes sejam agentes privilegiados pela sistemática pedagogicamente planejada, objetivos e intencionalidade assumida).

De um modo geral, alfabetização é definida para muitos como o aprendizado do alfabeto, o sujeito aprende (ou, simplesmente memoriza) a gramática e suas variações, porém esta etapa consiste não só na construção das habilidades mecânicas, mas na capacidade de interpretar, compreender, criticar, resignificar, produzir novos conhecimentos e novas formas de compreender o uso da linguagem.

### **1.1 As dimensões do aprender a ler e escrever**

Durante muito tempo a alfabetização foi entendida como mera sistematização de silabado, isto é, como a aquisição de um código fundado na relação entre fonemas e grafemas. Em uma sociedade constituída em grande parte por analfabetos e marcada por reduzidas práticas de leitura e escrita, a simples consciência fonológica que permitia aos sujeitos associar sons e letras para produzir/interpretar palavras (ou frases curtas) parecia ser suficiente para diferenciar o alfabetizado do analfabeto.

O tempo, a superação do analfabetismo em massa e a crescente complexidade de nossas sociedades fazem surgir maiores e mais variadas práticas de uso da língua escrita. Tão fortes são os apelos que o mundo letrado exerce sobre as

pessoas que já não lhes basta a capacidade de desenhar letras ou decifrar o código da leitura. Seguindo a mesma trajetória dos países desenvolvidos, o final do século XX impôs a praticamente todos os povos a exigência da língua escrita não mais como meta de conhecimento desejável, mas como verdadeira condição para a sobrevivência e a conquista da cidadania.

Portanto, a aprendizagem surge de um contexto social influenciado e herdado a partir do meio em que cada indivíduo está inserido, pois ninguém ensina ninguém a ler; o aprendizado é, em última instância, solitário, embora desencadeie e se desenvolva na convivência com os outros e com o mundo.

Hoje, tão importante quanto conhecer o funcionamento do sistema de escrita é poder se engajar em práticas sociais letradas, respondendo aos inevitáveis apelos de uma cultura grafocêntrica. Assim, enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de uma sociedade (Tfouni, 1995, p.9)

O sistema de escrita garante não só o domínio de código, mas modula laços coesivos entre elementos, contíguos e sequenciais desenvolvidos nos textos escrito, dando-lhe todo o poder de renovação estrutural e entendimento dos significados das palavras em diferentes contextos.

“Ao permitir que o sujeito interprete, divirta-se, seduza, sistematize, confronte, induza, documente, informe, oriente-se, reivindique, e garanta a sua memória, o efetivo uso da escrita garante-lhe uma condição diferenciada na sua relação com o mundo, um estado não necessariamente conquistado por aquele que apenas domina o código.” (Soares, 1998. p. 16).

Em síntese, os alunos tornam um ser sujeito de suas próprias ações, as quais transformam e constroem a partir de suas observações da realidade e em seguida obtém respostas dela, logo, contribui para formação de pessoas críticas e participativas na sociedade.

## **1.2 O significado do aprender a ler e a escrever**

“Aprender a ler e escrever não é ‘decorar bocados’ de palavras para depois repeti-los”. (Freire,1989.p.65). A leitura não se dá por meio da práxis da repetição de palavras, mas dizer sua palavra, diante do que foi lido, por isso, se faz necessário o processo de compreensão dos textos por um desenvolvimento de estratégias de leitura eficientes, que permitam ao aprendiz a reflexão da palavra escrita, a fim de funcionar plenamente na sociedade que impõe a cada dia mais exigências de letramento, isto é, de contato e familiaridade com a escrita social.

Diante dessas estratégias é necessário mencionar ao leitor a utilização da leitura com o sentido de operações que estejam envolvidas em contato com os textos e as próprias palavras.

O processo de ensino/aprendizagem de leitura e escrita na escola não pode ser configurado como um mundo à parte e não ter a finalidade de preparar o sujeito para a realidade na qual se insere.

Diante desse pressuposto, a escola é responsável em formar indivíduos que cultivem os hábitos de leitura, escrita e respondam aos apelos da cultura grafocêntrica, podendo inserir-se criticamente na sociedade, assim a aprendizagem da língua escrita deixa de ser uma questão estritamente pedagógica para alçar-se à esfera política, evidentemente pelo que representa o investimento na formação humana.

Nessa perspectiva, faz-se necessário que a escola ensine aos educandos não somente o aspecto formal da escrita, mas também como fazer bom uso dela e o porquê de sua importância. Somente desta maneira o aprendizado da escrita se dá por completo e como também avançará para o sucesso na vida social e cultural de cada geração.

Mediante propalado de Soares e Freire, os estudos sobre o letramento reconfiguraram a conotação política de uma conquista a alfabetização que não necessariamente se coloca a serviço da libertação humana. Muito pelo contrário, a história do ensino no Brasil, a despeito de eventuais boas intenções e das “ilhas de excelência”, tem deixado rastros de um índice sempre inaceitável de analfabetismo agravado pelo quadro nacional de baixo letramento.

Por que será que tantas crianças e jovens deixam de aprender a ler e a escrever? Por que é tão difícil integrar-se de modo competente nas práticas sociais de leitura e escrita?

[...] se o desafio do ensino pudesse ser enfrentado a partir da necessidade de compreender o aluno para com ele estabelecer uma relação dialógica, significativa e compromissada com a construção do conhecimento; se as práticas pedagógicas pudessem transformar as iniciativas meramente instrucionais em intervenções educativas; talvez fosse possível compreender melhor o significado e a verdadeira extensão da não aprendizagem e do quadro de analfabetismo no Brasil. (Soares apud Freire 1995, p. 5).

Percebemos, que na maioria das vezes, o aluno é visto como uma tábua rasa desprovido de qualquer conhecimento, passiva à aprendizagem. Entretanto, precisamos considerar, alguns fatores que influenciam na aprendizagem, como também o ambiente em que está inserido, a procedência social.

Portanto, a significação do letramento proporciona o sujeito à construção de nossos conhecimentos, e é por meio dele, que deixamos nossas marcas no tempo, que contribuímos com a evolução humana do conhecimento.

## **2. O QUE É LEITURA?**

O ato da leitura está imbuída num processo de transmissão dos conhecimentos contidos nos livros didáticos, e embora ensine a ler, não habilita o aprendiz a fazer o uso desta, nem desenvolver habilidades de uso social, impossibilitando a compreensão crítica e reflexiva dos fatos que viabilizam a formação de leitores. Assim, o aprendiz precisa conhecer diferentes tipos de textos para aprimorar a capacidade de linguagem atrelada a prática do letramento entendido como desempenho lingüístico do aprendiz, tendo em vista a interação do ser social, histórico, ser fazedor e questionador do conhecimento.

Consideramos que a leitura é o momento crítico da constituição do texto, destacada como um momento privilegiado do processo da interação verbal: aquele em que os interlocutores, ao se identificarem como interlocutores desencadeiam o processo de significação.

O discurso nessa temática mantém uma manifestação da liberdade do locutor quanto à ordem da língua. Logo, entendemos que a multiplicidade do discurso é possível, pois o texto não resulta da soma de frases, nem dos interlocutores, mas sim, do sentido de um texto resultado de uma situação discursiva, além de uma noção de intertextualidade.

A leitura é, portanto, um processo contínuo e evolutivo que se relaciona com o nosso próprio fato de estarmos no mundo. Assim, a leitura constitui-se em um precioso instrumento no processo de produção de conhecimento, por possibilitar o contato do leitor com diferentes formas de vivenciar e compreender o mundo.

### **3. LEITURA: DE QUEM, PARA QUEM?**

Diante dos detrimientos sociais, discute-se a atuação das condições de ensino mediante recursos e propostas pedagógicas. O pressuposto de que trata a questão em estudo está direcionado à classe dominante que desde o dispositivo feudal havia as ordens separatistas, isto é, mantinha separada a ordem dominante através da religião a qual detinha o poder sobre os diversos grupos dominados.

Nesta sociedade também havia a caracterização das revoluções burguesas, na qual, existem as diferenças da educação, uma vez que, a classe dominante tinha acesso ao bilinguismo, enquanto que, para as massas, fornecia uma gramática truncada, fundada sobre a lógica das frases simples.

Daí se pode considerar, que ler e escrever eram um processo restrito de uma minoria em que o acesso ao conhecimento era detido pela classe dominante ou que se atribuíam o discurso do poder e da exclusão.

Apesar de séculos de civilização, hoje as condições de ensino são diferentes. A sociedade busca superar esse sistema educacional mediante novos métodos sofisticados diante da alfabetização do letramento, que tem propiciado a ampliação e valorização da aprendizagem numa incorporação de leitura como um processo de compreensão das expressões formais e simbólicas. Assim, o ato de ler se refere tanto a algo escrito como quanto a outros tipos de expressão do fazer humano,

caracterizando-se também como acontecimento histórico que estabelece uma relação entre leitor e o que é lido.

#### **4. COMO TORNAR UM SER LEITOR?**

A ênfase que se dá ao leitor, quando da sua “troca de olhares com o autor do texto”, centra-se, fundamentalmente, no que ocorre na mente desse leitor, mas também nas experiências de vida que precedem seu encontro com o texto, entendendo-se que o processo de significação ocorre não a partir do texto, mas a partir do leitor, que não extrai do texto, e sim atribui a este um significado.

O ato de ler ativa uma série de ações ou uso de estratégias que auxiliam melhor na compreensão do texto, variando de acordo com o objetivo da leitura. Seja como atividade cognitiva porque envolve processos cognitivos múltiplos, como percepção e reflexão sobre um conjunto complexo de componentes ou como ato social num processo comunicativo, leitor e autor interagem entre si, a partir de objetivos e necessidades socialmente determinados, envolve processos complexos e exige do leitor saber adequar as estratégias em função das tarefas e dos seus objetivos.

Compreender, portanto, o comportamento e as atitudes de leitura dos sujeitos-leitores são relevantes, na medida em que se considera que o ato de ler não se dá linearmente, como um processo contínuo, tranquilo e sem interrupções; mas constitui uma atividade mental revestida de uma certa complexidade e marcada por tensões, visto que envolve ativamente o leitor. Dessa forma, torna-se pertinente conhecer a natureza do processo de leitura, ou seja, as estratégias que o leitor utiliza para construir sentidos, no ato de ler.

Entretanto, por tudo o que foi exposto, é fato constatar que a leitura pode gerar seres humanos conscientes, curiosos e críticos. Também pode se tornar um instrumento de conquista de liberdade para o homem, quando amplia a visão de mundo, gera transformação, compreende o cotidiano e tira da alienação. Ao ser incorporada a leitura pode promover a construção de conhecimentos e a formação da cidadania e assim propicia ao indivíduo a oportunidade de sair da situação de “oprimido” e agir na sociedade na qual está inserido.

Daí a necessidade de modelação das práticas educativas fundamentadas em teorias de aprendizagem que venham impulsionar desafios na reconstrução da leitura imbuída no ato de uma reflexão-ação-reflexão, tendo em vista o aprendiz como ser ativo na formação significativa da sociedade.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os estudos acerca da psicogênese da língua escrita trouxeram aos educadores o entendimento de que a alfabetização envolve um processo na representação lingüística, aos anos que se seguiram e que se rompem diante dos estudos sobre o letramento.

De um modo geral, o letramento consiste em dá significação à alfabetização, a qual é definida para muitos como o aprendizado em que o sujeito aprende à gramática e suas variações, mas o letramento surge com a efetivação da leitura, mediante capacidade de produzir novos conhecimentos e novas formas de compreender o uso da linguagem.

O sistema de escrita diante do aprender a ler e escrever engaja-se em práticas sociais letradas, respondendo ao inevitável apelo de uma cultura grafocêntrica, mas também faz uma reflexão sobre a alfabetização, a qual, garante ao ser uma condição diferenciada na sua relação com o mundo.

Dessa forma a significação do aprender a ler e a escrever ganha uma reconfiguração no processo ensino/aprendizagem, onde o letramento proporciona ao sujeito a construção do conhecimento e por meio dele contribui para evolução humana do conhecimento.

O ensino da leitura caracteriza o momento crítico na construção de texto resultado da manifestação do locutor e de situações discursivas.

Diante de tudo que foi lido, é notório que a questão da leitura requer esforço e dedicação tanto do educador quanto do aprendiz, embora ainda seja um desafio no processo de ensino/aprendizagem para a efetivação da participação e construção dos próprios textos.

Compreendemos, portanto, que a leitura é a ponte para o processo educacional eficiente, proporcionando a formação integral do indivíduo.

## 6. REFERÊNCIAS

Ferreiro, Emília. (2001). *Cultura escrita e educação*. Porto Alegre: Artes Médicas. \_\_\_\_\_. (2001). *Alfabetização e cultura escrita*. Entrevista concedida à Denise Pellegrini In Nova Escola – A revista do Professor. São Paulo: Abril, maio/2003, pp. 27 – 30.

Freire, Paulo. (1989). *A Importância do Ato de Ler*: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados.

Soares, Magda. B. (1998) *Letramento*: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica. “Língua escrita, sociedade e cultura: relações, dimensões e perspectivas”. Revista Brasileira de Educação, n. 0, (1995), pp. 5 – 16.

Tfouni, Leda Verdiani. (1995). *Letramento e alfabetização*. São Paulo: Cortez.